

## PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO EM JOÃO PESSOA

DERMEVAL DA HORA  
FABIANA DE SOUZA SILVA  
(UFPB)

### 1 — Introdução

Observar que a língua muda não é privilégio dos estudiosos atuais. Já na antiguidade clássica essa noção existia. O novo, hoje, é o aperfeiçoamento de métodos que procuram identificar fatores responsáveis pelos processos de mudança. E também a distinção entre esses e fenômenos de pura variação estável.

Um dos fenômenos lingüísticos que se encontra em variação no Português do Brasil é o apagamento do glide em ditongos orais decrescentes do tipo ba[j]xo ~ baxo, pe[l]xe ~ pexe, co[w]ro ~ coro, fazendo com que aí se concretize a monotongação, aqui entendida como a redução do ditongo a uma vogal simples, o monotongo. Essa tendência a reduzir o ditongo a uma vogal simples já se dava desde o latim vulgar. Tal variação é observada em falares de diferentes comunidades brasileiras: no Rio Grande do Sul (Meneghini, 1983; Bisol, 1989; Cabreira, 1996), no Rio de Janeiro (Paiva, 1996; Silva, 1997).

Sob o prisma da Teoria da Variação, nossa comunicação trata desse fenômeno na comunidade de João Pessoa, localizada na Região Nordeste do Brasil. É nosso objetivo analisar as restrições estruturais e sociais que se correlacionam de forma simultânea aos ditongos [aj], [ej] e [ow], exemplificados anteriormente.

A amostra utilizada faz parte do corpus que compõe o Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), estratificada de acordo com o sexo, anos de escolarização e faixa etária dos informantes. Na análise dos dados, consideramos essas variáveis como restrições sociais e a elas acrescentamos as seguintes restrições estruturais: contextos fonológicos seguinte e precedente, valor fonemático do ditongo, posição do elemento seguinte quanto à sílaba, vogal do ditongo, natureza morfológica e tonicidade.

Utilizando o Pacote de Programas VARBRUL (Pintzuk, 1988), foram realizadas rodadas binárias para cada um dos três ditongos. Interessar-nos-á, aqui, apenas as restrições que lhes foram comuns: contexto fonológico seguinte, tonicidade e anos de escolarização.

Quanto ao contexto fonológico seguinte, nossa hipótese é de que as vibrantes e as fricativas são mais favoráveis à redução do ditongo, por partilharem com ele traços similares que levam ao processo de assimilação.

Para a restrição tonicidade, supomos que a sílaba pretônica seja mais favorável à monotongação segundo o princípio da saliência fônica proposto por Naro & Lemle (1976).

Em relação à escolarização, nossa hipótese é de que os analfabetos, pelo não conhecimento da forma padrão, e conseqüente prestígio atribuído, aplicam mais a regra, ou seja, monotongam mais.

Antes de procedermos à análise quantitativa das restrições, esboçaremos, de forma sintética, um histórico acerca da monotongação.

## 2 — A Monotongação

A maior parte das mudanças sofridas por todos os ditongos no indo-europeu, latim e românico, ao longo dos tempos, presume um estado de variação.

No indo-europeu, existiam seis ditongos: (ai, au, ei, eu, oi, ou,) que sofreram grande transformação no latim. Por exemplo, o ditongo [ew], e mesmo os outros em sua forma correta, só ocorrem ocasionalmente. De forma que, desde o período arcaico que vai até início do I sec. a. C., os ditongos apresentam tendência à monotongação, com exceção dos ditongos [ae], [oe] e [aw].

A Gramática Comparada demonstrou no indo-europeu a existência de uma outra série de ditongos (a<sub>i</sub>, a<sub>u</sub>, e<sub>i</sub>, e<sub>u</sub>, o<sub>i</sub>, o<sub>u</sub>), distinta da primeira pela duração — os primeiros eram breves e estes são longos — e pela maior intensidade do primeiro elemento, resultando numa debilitação do segundo. De qualquer maneira, esses ditongos eram caracterizados por pouca estabilidade e, conforme a contextualização fonética, se abreviavam ou perdiam o segundo elemento.

A tendência de enfraquecimento do segundo elemento se deu nas línguas derivadas (latim, grego e línguas românicas em geral), passando a ditongos breves ou a simples vogais (no caso da queda do segundo elemento).

Os ditongos latinos eram quatro: [ae], [oe], [aw] e [ew]. Os dois primeiros reduziram-se ainda na língua clássica a [é] e [ê] respectivamente, como nos casos do tipo: caelebes ⇒ celesbes; saeta ⇒ seta. O ditongo [aw] passou a [o], [ow] e ainda a [a]. Já o ditongo [ew], o mais raro na língua latina, foi reduzido a vogal [o].

Os ditongos sofreram várias transformações na passagem do latim para o português, muitas vezes promovendo a ocorrência do processo de *assimilação*

ou monotongação, como no caso de /au/ → /ou/ → /o/ (longo fechado) → /o/; e do antigo ditongo /\_ / → /e/ em toda a parte (Lausberg, 1974).

O mesmo que sucedeu aos ditongos latinos também aconteceu aos românicos em que, pelo maior esforço despendido na pronúncia de um dos elementos, os ditongos ficaram reduzidos a uma simples vogal.

Feito esse breve histórico, passaremos a análise dos dados.

### 3— Processo de Monotongação em João Pessoa

Em relação ao processo de monotongação do português falado na comunidade de João Pessoa, constatamos os seguintes resultados:

Num total de 2738 ocorrências do ditongo [aj], houve 209 aplicações da regra, correspondendo a 8%. Em relação ao ditongo [ej], em 4902 ocorrências, houve 2150 aplicações, correspondendo a 44%. Quanto ao ditongo [ow], de 4967 ocorrências, 4900 sofreram redução, correspondendo a 99%. Fica clara a aplicação categórica da regra para o ditongo [ow], ao contrário dos demais.

### 4— Discussão

#### 4.1 — Monotongação do Ditongo [Aj]

##### 4.1.1 — Contexto Fonológico Seguinte

A variável estrutural *contexto fonológico seguinte* foi selecionada pelo programa como aquela que exerce maior influência no que se refere à aplicação da regra do ditongo [aj].

As ocorrências foram divididas em 7 possibilidades:

- a) oclusivas;
- b) fricativas;
- c) flap;
- d) nasais;
- e) laterais;
- f) vogal;
- g) pausa.

A monotongação do ditongo [aj] é favorecida quando o elemento subsequente é um [ ] (91%) e inibida se o segmento for um [ ] (19%) ou [l] (25%). Quando porém, sua ocorrência se dá em posição final (vai) e/ou em palavra monossilábica (mais), a preservação do ditongo é categórica, conforme observamos na Tabela 1 abaixo.

**TABELA 1**  
MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [AJ] X CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Fatores	Frequência	Peso Relativo
—	182/199 = 91%	.89
l	2/8 = 25%	.12
x	25/134 = 19%	.07
<b>TOTAL</b>	<b>209/341 = 61%</b>	

Bisol (1989, p.191), analisando a “situação” do glide antes de consoante palatal, diz poder ser este apagado ou acrescido sem, no entanto, alterar o sentido da palavra:

- a) apagamento — caixa ['ka(j)\_a - 'ka\_a];
- b) acréscimo — faxina [fa'ína - fa(j)\_ina].

Segundo esta autora, o que ocorre é um processo assimilatório no qual o traço alto da consoante palatal é compartilhado por dois segmentos vizinhos. De acordo com a proposta por ela apresentada, “todo ditongo seguido de palatal possui uma só vogal na estrutura subjacente, criando-se o glide por um processo assimilatório que consiste no espraçamento do traço alto da palatal.” É possível observarmos como se dá esse processo através do exemplo que segue:

Espraçamento do traço da palatal			
a) [-cons]	[+cons]	b) [-cons]	[+cons]
	[+cont]		[+cont]
	[+estr]		[+estr]
	[-ant]		[-ant]
	[+cor]		[-cor]
[-alt]	[+alt]	[-alt]	[+alt]
[-post] y	[-post]	[-post]	[-post]
E	-	e	-
['pe_j_i]			['pe_i]

No exemplo *a*, os traços [+alto] e [-posterior], compartilhados pela vogal e consoante, criam um ambiente propício ao surgimento do glide, que aparece num processo assimilatório. Em *b*, apenas a vogal aparece, não ouvindo-se o glide na estrutura subjacente, visto que este só existe na estrutura de superfície.

Bisol (1989) fala sobre as duas classes existentes de ditongos: o ditongo pesado e o ditongo leve. O primeiro, também dito verdadeiro, constitui sílaba complexa e tende a ser preservado, além de formar pares mínimos com a vogal simples, sendo portanto um ditongo fonológico.

sei ['sej]	pai ['paj]	vou ['vow]
se ['se]	pa ['pa]	vo ['vo]

## PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO EM JOÃO PESSOA

O segundo, não verdadeiro, ao contrário do ditongo pesado, tende a ser apagado. Os ditongos leves são criados por processos assimilatórios, alternam com a vogal simples e não causam diferença de sentido. São portanto ditongos fonéticos.

caixa ['ka_a]	paixão [paj_ão]	faixa ['faj_a]
caxa ['ka_a]	paxão [pa_ão]	faxa ['fa_a]

A partir dessa divisão, a explicação para o uso categórico do ditongo [aj] diante de quaisquer outros contextos que não sejam [ \_ ] ou [x], parece resumir-se em ser o ditongo [aj] final um ditongo verdadeiro, formador de pares mínimos, e, portanto, fonológico, como mostram os exemplos:

vai ['vaj]	pai ['pai]	cai já [caj'já]
vá ['va]	pá ['pa]	ca já [ca'já]
buscai [bus'kaj]	louvai [low'vaj]	mais ['majs]
busca ['busca]	louva ['lowva]	mas ['mas]

Nestes exemplos, a supressão do glide, seguida ou não de um contexto, altera o sentido da palavra, criando um outro vocábulo já existente na língua. O glide está presente também na estrutura subjacente, sendo portanto preservado.

Estes resultados, exceto o apagamento de [j] diante de [ \_ ], estão de acordo com os encontrados em Paiva (1996) e Cabreira (1996).

As vogais e os demais fonemas ([s] - mais, [ʃ] - vai, [m] - andaime, [k] - pai comprou, [v] - raiva, [d] - sai de, [t] - sai tarde, [p] - caipira, [b] - caibro, [ \_ ] - sai lhe, [f] - vai ficar, [n] - plaina, [ \_ ] - sai já, [r] - paira, [g] - vai ganhar), foram categóricos no sentido de inibir o processo de monotongação. Desta forma tiveram que ser retirados da rodada.

### 4.1.2 — Anos de Escolarização

A outra variável que o programa selecionou como favorável à monotongação de [aj], desta vez social, foi o grau de escolaridade do falante.

Na Tabela 2, podemos observar os resultados apresentados para esta variável no processo de monotongação do ditongo [aj].

TABELA 2

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [aj] X ESCOLARIDADE DO FALANTE

Fatores	Frequência	Peso Relativo
(nenhum ano) analfabeto	52/471 = 11%	.85
(1-4 anos) primário	47/525 = 9%	.70
(9-11 anos) segundo grau	34/532 = 6%	.39
(mais de 11 anos) universitário	34/507 = 7%	.35
(5-8 anos) ginásio	42/703 = 6%	.26
<b>TOTAL</b>	<b>209/2738 = 8%</b>	

Os informantes mais escolarizados (.35) monotongam menos que os não escolarizados (.85). A partir destes números, confirmamos o que diz a literatura acerca da influência que a escola exerce sobre o comportamento lingüístico do informante: aqueles que mantêm contato com a norma tendem a preservar a forma padrão, ao contrário daqueles que, longe da escola e conseqüentemente da norma, aplicam mais a regra, desconhecendo a forma de prestígio, no nosso caso o ditongo (Kroch: 1976).

Pudemos observar que os informantes com pouco ou nenhum ano de escolarização tendem a usar mais a forma não padrão, conseqüentemente ditongando menos. Já os que têm mais anos de escolarização, possuindo portanto, maior nível de consciência lingüística, aplicam menos a regra e utilizam mais a forma de prestígio, ou seja, o ditongo. Estes resultados corroboram os encontrados por Labov (1966), onde falantes mais escolarizados utilizam mais a forma padrão e os menos escolarizados dão preferência a formas não padrão. Igualmente, Sankoff, Kemp & Cedergren (1978) comprovaram a influência exercida pela escolarização no que se refere à aplicação da forma padrão: falantes com maior nível de escolarização usam mais a forma padrão que os menos escolarizados.

Da mesma forma, Sankoff (1977), Laberge (1977), Gryner (1977), Scherre (1978), Votre (1978) concluíram em seus estudos que o uso da forma padrão é proporcional ao grau de escolarização do informante, ou seja, quanto maior a escolaridade deste (falante), maior é a utilização de formas padrão em detrimento das não padrão (estigmatizadas).

#### 4.1.3 — Tonicidade

A Tabela 3, a seguir, apresenta os pesos relativos da variável tonicidade da sílaba sobre o processo de monotongação do ditongo [aj].

**TABELA 3**  
A MONOTONGAÇÃO DE [aj] X TONICIDADE DA SÍLABA

Fatores	Frequência	Peso Relativo
pretônico(paixão)	79/164 = 48%	.93
tônico(bairro)	130/2574 = 5%	.46
TOTAL	209/2738 = 8%	

De acordo com a divisão estabelecida no início: pretônica (abaixar) e tônica (baixo), o ditongo [aj] está mais sujeito a sofrer redução quando se encontra em sílaba pretônica (.93) do que quando se encontra em sílaba tônica (.46). Pelos resultados, pode-se afirmar que as sílabas pretônicas favorecem a monotongação, enquanto que as tônicas inibem o processo.

Estes resultados parecem contraditórios ao analisarmos os vocábulos *caixa, faixa, baixa* etc., visto que em todos os casos a monotongação ocorre na sílaba tônica. Contudo, monossílabos tônicos do tipo *pai, vai, sai*, entre outros, são categóricos no sentido de reter o ditongo, razão pela qual os resultados encontrados para as sílabas tônicas revelam serem estas inibidoras do processo.

Levando a tonicidade para o lado da saliência fônica, segundo Naro & Lemle (1976), a mudança, em primeiro lugar, atinge as palavras em que o grau de saliência fônica entre a forma antiga e a forma nova é menor, e depois se instala onde é maior o grau de saliência fônica. Ou seja, para Naro & Lemle (1976), a mudança segue uma escala de saliência fônica. Desta forma, a monotongação ocorreria primeiro em vocábulos cujo grau de saliência fônica entre as formas variantes é menor (encaixar – encaxar), para depois atingir ambientes com maior grau de saliência fônica (bairro – barro; pai – pa; vai – va).

Comparando com os trabalhos de Meneghini (1983), Paiva (1996), Cabreira (1996), obtemos diferentes resultados. No primeiro, bem como no nosso, são as sílabas átonas as que favorecem a monotongação; no segundo, a variável *tonicidade* não exerce influência alguma sobre a monotongação; e, no terceiro, são as sílabas tônicas as que favorecem o processo.

## 5— Monotongação do Ditongo [Ej]

### 5.1 — Contexto Fonológico Seguinte

O programa selecionou esta variável como a primeira mais importante no processo de monotongação do ditongo [ej]. Os segmentos de maior influência (ver Tabela 4) são: [r] - cadeira (98%), [ \_ ] - deixo (95%), e [ \_ ] - beijo (72%). Estes números correspondem a 2075 dos 4902 ditongos monotongados, o equivalente a 42,3%. Os demais fonemas como também as vogais: [a] - meia (12%) e [o] - meio (1%) demonstraram-se inibidoras do processo. As outras vogais: [e] - (pensei

então), [i] - (dei isso), e [u] - (achei uma) e os fonemas [l] e [b] foram categóricas no sentido de reter o ditongo.

TABELA 4

## A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [ej] X CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
vibrante [r]	1687/1714 = 98%	.99
fricativa [ʃ]	350/367 = 95%	.93
fricativa [ʒ]	38/53 = 72%	.69
oclusiva [g]	7/18 = 39%	.33
vogal baixa [a]	36/308 = 12%	.15
oclusiva [t]	25/1629 = 2%	.01
vogal média [o]	4/296 = 1%	.01
TOTAL	2143/4374 = 49%	

Os contextos seguidos de [t] - jeito (1%), [s] - seis (2%), [n] - reino (1%), [f] - ceifar (2%), [d] - Neide (2%), [k] - sei que (2%), [p] - sei pai (1%), [v] - seiva (9%) e zero - perdoei (5%), foram todos inibidores da monotongação apresentando porcentagem de 9% a 1%.

A partir dos dados apresentados, podemos afirmar que a monotongação de [ej] está diretamente relacionada com a presença da vibrante [r] - cadeira (98%), ou das fricativas [ʃ] - deixo (95%) e [ʒ] - beijo (72%).

A explicação para estes dados se dá, de acordo com Paiva (1986), pela presença do traço [+alto] das palatais, que é compartilhado pela glide [j], havendo um processo de assimilação que resulta na queda da glide.

Esta observação parece contradizer-se, mediante os resultados encontrados para este ditongo, quando seguido de vogal. É de se esperar que ocorresse a assimilação dos traços da vogal pelo glide, porém, dessa forma teríamos a formação de um hiato e tal processo é oposto ao encontrado na língua, onde se mantém a tendência a desfazer hiatos e, ainda, ditongos, preservando o padrão silábico canônico que é CV, conforme já citamos. Dessa forma, podemos afirmar que as vogais atuam como bloqueadoras no sentido de desfazer hiatos.

Quanto à vibrante [r], o processo é semelhante. Há o espraiamento dos traços [+soante] e [+contínuo] desse fonema, que são assimilados pelo glide, ocorrendo a monotongação.

A mesma análise feita para o ditongo [aj] aplica-se também para o ditongo [ej], quando seguido da palatal [ʃ] ou [ʒ]. Na estrutura subjacente, o ditongo que é seguido de palatal é uma só vogal, sendo o glide criado por um processo assimilatório resultante do espraiamento do traço alto da palatal. Assim, o glide está ausente na estrutura profunda.



Quando o ditongo [ej] é seguido da vibrante simples, a tendência é que, como no caso em que este é seguido por uma palatal, haja a supressão do glide, já que este não existe na estrutura subjacente.

Partindo do *princípio da sonoridade* ou *escala da sonoridade*, o [r] ou tepe é, da categoria das líquidas, o que se aproxima mais da vogal nesta escala. Ou seja, tomando por base a organização hierárquica dos segmentos, o vazio existente entre duas sílabas vizinhas (ver escala de sonoridade a seguir), separadas por um único valor na escala de sonoridade, pode ser preenchido com a inserção do glide. Contudo, na estrutura subjacente do vocábulo, encontra-se apenas uma vogal: [dinheiro - dinheiro].

**A escala de sonoridade**

e	(y)	r	o	
+	-	-	-	silábico
+	+	-	+	vocóide
+	+	+	+	aproximante
+	+	+	+	sonorante

Bisol (1989) questiona esta abordagem mediante a falta de evidência de que a presença ou ausência do glide tenha ligação com a *escala de sonoridade*.

Os resultados encontrados (ver quadro abaixo), também nos revelam a ausência do glide na estrutura subjacente.

**A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [EJ] X CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE**

Fatores	Frequência	Peso Relativo
tepe(dinhe[j]ro)	1687/1714 = 98%	.99
fricativa(de[j]xo)	350/367 = 95%	.96

Os elevados percentuais encontrados para a monotongação de [ej], permite-nos concluir que o glide deste ditongo está ausente na representação subjacente de itens lexicais.

Estes resultados corroboram os de Meneghini (1983), Paiva (1996) e Cabreira (1996).

### 5.2 — Anos de Escolarização

Esta variável foi a única dentre as sociais que o programa selecionou como favorecedora do processo de monotongação do ditongo [ej]. Os falantes com mais anos de escolarização (universitários) são menos favoráveis ao processo (.24) do que aqueles com poucos ou nenhum ano de escolaridade (.55), como podemos ver na Tabela 5.

**TABELA 5**

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [EJ] X ESCOLARIDADE DO FALANTE

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
não escolarizados	1845/4136 = 45%	.55
escolarizados	305/766 = 40%	.24
TOTAL	2150/4902 = 44%	

Assim, como vimos na análise do ditongo [aj], aqui também percebemos a influência exercida pela escola sobre o comportamento lingüístico dos falantes. Aqueles que mantêm um contato maior com a língua 'cultura' conhecem mais a forma 'padrão' e, conseqüentemente, aplicam menos a variante 'não prestígio'. Estes resultados estão de acordo com a proposta de Kroch (1976), de que falantes com menor grau de instrução são os que lideram as mudanças, ao contrário dos mais instruídos (geralmente pertencentes à classe mais alta) que, a fim de se manterem diferenciados das demais classes, resistem aos processos de mudança. Cabreira (1996) encontra resultados semelhantes aos nossos.

### 5.3 — Tonicidade da Sílabas

Para esta variável obtivemos os seguintes resultados: as sílabas tônicas são neutras (.48), enquanto que as sílabas pretônicas (.67) favorecem.

**TABELA 6**

A MONOTONGAÇÃO DE [EJ] X TONICIDADE DA SÍLABA

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
pretônica (beijar)	296/542 = 55%	.67
tônica (deixo)	1854/4360 = 43%	.48
TOTAL	2150/4902 = 44%	

Assim como na análise do ditongo [aj], aplica-se também aqui, o princípio da saliência fônica proposto por Naro & Lemle (1976), em que a mudança atinge primeiro as palavras cujo grau de saliência fônica entre a forma nova e a forma antiga é menor, para depois atingir aquelas cujo grau de saliência fônica é maior.

Estes resultados divergem dos encontrados em Paiva (1996) e Cabreira (1996): em ambos os estudos, essa variável demonstrou não exercer influência alguma sobre o ditongo [ej].

## 6 — Monotongação do Ditongo [OW]

A forte tendência a substituir o ditongo [ow] pela vogal simples [o] data de muitos anos, de acordo com Nunes (1951) e Naro (1973), como afirma Bisol (1989).

Desde o século XVII que ocorre a redução do ditongo *ou* passando a *o*, em Portugal. Analogamente, no Brasil, a pronúncia corrente é *loca* (louca), *poco* (pouco), *dorar* (dourar). Ainda com verbos como *roubar*, onde este coloquialmente é conjugado *robo*, *robas*, etc (Elia, 1974).

Essa substituição ocorre em quaisquer contextos, tanto em palavras derivadas como não derivadas. Para Bisol (1989, p. 214), o processo de monotongação do ditongo [ow] é uma mudança em progresso que se encontra em avançado estágio. Meneghini (1983), Paiva (1996) e Cabreira (1996) também chegaram a estas mesmas conclusões.

### 6.1 — Tonicidade da Sílabas

O programa estatístico selecionou a *tonicidade da sílaba* como a variável estrutural mais favorável no processo de monotongação do ditongo [ow].

Conforme a divisão estabelecida, a monotongação do ditongo [ow] é favorecida quando este se encontra em sílaba tônica (.52) e inibida quando se encontra em sílaba pretônica (.17), como vemos na Tabela 7.

TABELA 7  
MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [OW] X TONICIDADE DA SÍLABA

Fatores	Frequência	Peso Relativo
tônica	4719/4770 = 99%	.52
pretônica	181/197 = 92%	.17
TOTAL	4900/4967 = 99%	

Para Gregory Guy (1986), os traços mais salientes são mais rapidamente aprendidos. Ou seja, quanto maior a saliência, mais fácil sua percepção (vale salientar que este resultado aplica-se apenas para ouvintes ou aprendizes de uma língua e comunidades em processo de empréstimo ou descriolização). Por isso as novas formas são primeiramente introduzidas nestes ambientes para somente depois atingirem aqueles cujo grau de saliência fônica é menor. Esta visão é oposta de Naro & Lemle (1976) apenas nos casos referidos acima.

De acordo com esta proposta, nossos resultados corroboram o que afirma Guy, visto que as sílabas tônicas, isto é, aquelas que apresentam um grau maior de saliência fônica, são aquelas em que a aplicação da regra é mais intensa.

Vale salientar que apenas com o ditongo [ow] – ao contrário do que vimos com os ditongos [aj] e [ej] – as sílabas tônicas favoreceram a tonicidade. Este resultado parece dever-se ao fato de todo verbo, quando conjugado, terminado em *ou* tem o glide suprimido, resistindo apenas a vogal *o*, como em *vo* (vou), *ganho* (ganhou), *levanto* (levantou), *determino* (determinou) etc. Em todos estes casos, independente do tamanho do vocábulo, a aplicação é categórica.

Meneghini (1983) concluiu a partir de seus resultados que as sílabas átonas são mais favoráveis ao processo do que as tônicas. Já os trabalhos de Paiva (1996) apontaram para uma não influência desta variável sobre a monotongação do ditongo [ow]. E Cabreira (1996) encontra resultados semelhantes aos nossos: as sílabas tônicas favorecem a aplicação da regra ao contrário das átonas.

## 6.2 — Contexto Fonológico Seguinte

Esta variável foi selecionada pelo programa estatístico como a segunda variável estrutural mais importante no processo de monotongação do ditongo [ow].

Conforme os resultados dispostos na Tabela 8, os segmentos mais favoráveis a aplicação da regra foram: [t] – outro (99%), [m] – sou mais (99%), [k] – louco (99%), [#] – matou# (96%), [s] – louça (99%), [p] – roupa (99%), [d] – vou de (99%), [l] – crioulo (99%), [b] – roubo (94%), [v] – ouve (92%), [o] – butou o (98%). As demais vogais e os fonemas [g] – sou gordo, [ɲ] – vou jogar, [r] – couro, [f] – sou feliz, [ʃ] – ficou rouco, [ʒ] – sou chato, [z] – pegou-lhe, [z] – Souza, foram categóricos no sentido de favorecerem o processo de monotongação do ditongo [ow].

**TABELA 8**  
MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [OW] X CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
vogal baixa [a]	646/651 = 99%	.64
nasal [m]	569/573 = 99%	.63
fricativa [s]	220/223 = 99%	.49
lateral [l]	104/105 = 99%	.48
oclusiva [p]	2361/2398 = 98%	.47
contexto zero [#]	54/56 = 96%	.30
Fricativa [v]	185/200 = 92%	.18
<b>TOTAL</b>	<b>4139/4206 = 98%</b>	

Após retirarmos os fatores categóricos e amalgamarmos aqueles cujas freqüências eram muito próximas, obtivemos os seguintes resultados: nasal (.63) e vogal (.64) favorecem, enquanto fricativas (.49), lateral (.48), oclusivas (.47) não interferem e contexto zero (.30) inibe o processo.

Os resultados para este ditongo são melhor diferenciados a partir dos resultados dos pesos relativos, uma vez que as freqüências encontradas para a maioria dos fatores, giram em torno de 99%, o que implica em ser a aplicação da regra, com este ditongo, quase categórica.

### 6.3 — Anos de Escolarização

A variável *anos de escolarização* foi a única, dentre as sociais, que o programa selecionou como relevante no processo de monotongação do ditongo [ow].

De acordo com a Tabela 9, os informantes com nenhum ano de escolarização (analfabetos) monotongam mais (.66) que aqueles com escolaridade variando do primário ao segundo grau (.48) ou universitários (.26). Podemos afirmar, baseado nos resultados obtidos que, quanto maior o nível de escolaridade, menor a aplicação da regra, e quanto menor o nível de escolaridade do falante, maior será o uso da forma monotongada. É um processo inversamente proporcional. Tal ocorrência parece dever-se ao "prestígio" atribuído pela escola ao uso do ditongo. Os falantes que mantêm um maior contato com a "norma" privilegiam a forma padrão em detrimento da forma considerada "não padrão".

**TABELA 9**  
MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [OW] X ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
(nenhum ano) analfabeto	1129/1135 = 99%	.66
(5-8 anos) ginásio	1319/1330 = 99%	.60
(1-4 anos) primário	998/1012 = 99%	.44
(9-11 anos) segundo grau	694/706 = 98%	.42
(+ de 11 anos) universitário	760/784 = 97%	.26
TOTAL	4900/4967 = 99%	

Se equivalermos o nível de escolaridade ao de classe social, teremos que os informantes menos escolarizados são os da classe mais baixa e os mais escolarizados são os que pertencem à classe mais alta. A partir desta equivalência, podemos tomar a proposta de Kroch (1976) sobre a origem e difusão da mudança sonora, quando ele afirma ser a classe alta mais resistente aos processos de

mudança, a fim de manter-se diferenciada das demais. Já os falantes das classes mais baixas são implementadores de mudanças. Nossos resultados corroboram a proposta de Kroch (1976), já que os informantes mais escolarizados — presumivelmente pertencentes à classe alta — são os que menos monotongam, ao contrário dos menos escolarizados que desconhecendo a ideologia da classe dominante, monotongam mais.

Paiva (1996), Bisol (1994) e Cabreira (1996) encontram resultados semelhantes aos nossos, nos quais os falantes mais escolarizados aplicam menos a regra que os menos escolarizados.

Pelos resultados obtidos referentes às frequências, tanto os falantes mais escolarizados (97%) quanto os menos escolarizados (99%) favorecem à aplicação da regra. Este comportamento parece dever-se ao fato de ser a monotongação uma variável não estigmatizada, embora não padrão, razão pela qual é usada nos diversos níveis culturais.

## 7 — Conclusão

A partir dos resultados obtidos, concluímos que:

- dos ditongos orais decrescentes, o ditongo [aj] é o que menos favorece a aplicação da regra de monotongação;

- o ditongo [ej] apresenta frequência maior que o ditongo [aj] e menor que o ditongo [ow]. Ainda sobre o ditongo [ej], observamos que se tônico final, ou seja, se encontrado em uma forma verbal (dei, lavei), nunca é apagado, sendo categórica sua retenção;

- O ditongo [ow] atua diferentemente dos ditongos [aj] e [ej], sofrendo redução em quaisquer contextos, e independentemente das variáveis sociais sexo, faixa etária e anos de escolarização. Os altos índices referentes à aplicação da regra indicam estamos diante de um estado de mudança praticamente consumado.

## Referências Bibliográficas

- BISOL, L. *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. Rio Grande do Sul: D.E.L.T.A. v. 5, n.2, p.185-224, 1989.
- CABREIRA, S. H. *A Monotongação dos Ditongos Orais Decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Porto Alegre, 1996. 115p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CEDERGREEN, H. J., SANKOFF, D. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. *Language*. V. 50, n. 2, p. 332-335, 1974.
- ELIA, S. *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Sedegra. 1974. 298p.
- FARIA, I. H., PEDRO, E. R., DUARTE, I. et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1996. 630p.

## PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO EM JOÃO PESSOA

- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. P.H.D. Dissertation, University of Pennsylvania. 1981. 391p. mimeo.
- \_\_\_\_\_, *Saliency and the Direction of Syntactic Change*. Xerox. 1986.
- KROCH, A. S., *Toward a Theory of Social Dialect Variation*. *Language & Society*. n.7, p. 17-36, 1976.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_, *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press. 1972.
- \_\_\_\_\_, *Principles of Linguistic change*. Cambridge: Blackwell. 1994. 641p.
- \_\_\_\_\_, *Building on Empirical Foundations*. In: Lehmann, W., Malkiel, Y. (orgs). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1982.
- LAUSBERG, H. *Lingüística Românica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1974. 458p.
- MENECHINI, F. M. *O fenômeno da Monotongação em Ibiatã*. Dissertação de Mestrado. PUC - RS. 1983.
- NARO, A. J., LEMLE, M. *Syntactic diffusion*. In: Steener, S. B. et al. *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago: Linguistic Society. 1976.
- \_\_\_\_\_, A. J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: Mollica, M. C. *Introdução à Sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro, U.F.RJ. 1992.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 5ª ed. 1956.
- \_\_\_\_\_, *Compêndio de Gramática Histórica*. 4ª ed. Lisboa: Livraria Clássica. 1951.
- PAIVA, M. da C. de. *Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes*. In: Scherre, M. M. P., Oliveira e Silva, Giselle M. *Padrões sociolinguísticos (Análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro)*. Rio de Janeiro: U.F.Rj. 1996. 395p.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. Original e tradução de Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Thereza Gomes Fioretti e coordenação de Maria Marta Pereira Scherre. 1988. (inédito).
- SANKOFF, G. *L'emploi productif du ne dans le français parlé à Montréal*. *Le Français Moderne*. 45:243-256. 1977.
- SCHARDONG, R. *Monotongação de [ey]*: Projeto n.º 04, P. 30-38, 1994. (S.N.T.).
- SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro. 1978. 158p. PUC-RJ (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, E. V. da. *A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses*. João Pessoa: Graphos. V. 2, n. 1, p. 49-53, jan/97.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books. 1974.